E-book

Pós-graduação
Docente Creator

E-BOOK CONCEITUAL / UNIDADE DE APRENDIZAGEM 2

Identidade Acadêmica e Marca Profissional

Trajetória, reconhecimento e presença pública

ABERTURA

UMA LEITURA PARA TORNAR A TRAJETÓRIA RECONHECÍVEL

Identidade acadêmica não começa em um perfil. Começa na trajetória.

Todo professor deixa marcas profissionais muito antes de decidir construir uma presença digital. Elas aparecem na maneira de preparar uma aula, responder a uma dúvida, selecionar referências, conduzir uma discussão, orientar um projeto, escrever um parecer ou participar de uma comunidade de conhecimento.

Quando esses rastros começam a circular em currículos, publicações, projetos, vídeos, comentários, palestras e redes profissionais, eles passam a compor uma percepção sobre quem somos, o que sabemos e que contribuição conseguimos oferecer. É nesse encontro entre trajetória e reconhecimento que se forma a identidade acadêmico-profissional.

> **Ideia central**
> Marca profissional não é um artifício criado do zero. É um efeito de reconhecimento que se constrói, ao longo do tempo, pela coerência entre propósito, repertório, comunicação, evidências, valores e escolhas de presença.

Como usar este e-book

Use a leitura para interpretar a própria trajetória. Em cada capítulo, observe o que já é consistente, o que ainda precisa ser explicitado e que limites você deseja preservar. O objetivo não é fabricar uma imagem perfeita, mas tornar uma contribuição profissional mais compreensível, confiável e sustentável.

INTENÇÃO FORMATIVA

O QUE VOCÊ VAI DESENVOLVER

Uma identidade reconhecível sem transformar o docente em personagem.

Competência da unidade

Analisar e construir formas coerentes de reconhecimento acadêmico-profissional, articulando trajetória, expertise, territórios de conhecimento, evidências, voz, posicionamento, participação em comunidades e responsabilidade ética.

HABILIDADES

- Compreender identidade profissional docente como construção situada, relacional e histórica.
- Distinguir identidade, imagem, marca pessoal acadêmica, posicionamento e reputação.
- Analisar visibilidade, exposição, autoridade, popularidade e limites da presença pública.
- Compreender territórios de conhecimento como espaços de pertencimento e reconhecimento.
- Relacionar autoridade a evidências, participação e confiança construída em comunidades.
- Reconhecer voz, tom e estilo docente sem recorrer à fabricação de personagem.
- Construir posicionamentos verdadeiros, específicos, sustentados e revisáveis.
- Problematizar privacidade, autoria, desigualdades, limites de expertise e sustentabilidade.

> **Pergunta que acompanha a leitura:**
> Quando aquilo que sabemos e fazemos começa a circular, o que permite que nossa contribuição seja reconhecida e não apenas vista?

SUMÁRIO

QUANDO UMA TRAJETÓRIA SE TORNA RECONHECÍVEL 4
SABER MUITO EXIGE ORGANIZAR O FOCO 9
DA AFIRMAÇÃO À CONFIANÇA 13
UMA VOZ RECONHECÍVEL SEM PERSONAGEM 17
PRESENÇA COM LIMITES É PRESENÇA PROFISSIONAL 22
UMA HISTÓRIA COERENTE, NÃO UMA IMAGEM PERFEITA 32
CONCEITOS PARA RETOMAR 36
FUNDAMENTOS PARA APROFUNDAR A LEITURA 37

01 / IDENTIDADE PROFISSIONAL

QUANDO UMA TRAJETÓRIA SE TORNA RECONHECÍVEL

A identidade acadêmica é construída antes de ser comunicada.

Se alguém pesquisasse hoje o seu nome, que rastros encontraria? E se estudantes, colegas ou parceiros fossem convidados a dizer pelo que reconhecem sua atuação, quais palavras apareceriam?

Essas perguntas deslocam a marca profissional do campo da autopromoção para o campo do reconhecimento. A identidade não é um produto pronto; é uma construção histórica, relacional e situada que se forma no encontro entre o modo como interpretamos nossa trajetória e as leituras que outras pessoas fazem dela.

01 / TRAJETÓRIA

A marca já existe antes de ser gerida

O cotidiano profissional produz sinais de identidade.

Uma marca profissional começa muito antes de uma bio, um site ou um perfil. Ela aparece na aula preparada, no modo de acolher uma pergunta, no tipo de exemplo escolhido, na postura diante de uma divergência, na forma de escrever um e-mail e na qualidade de um material entregue.

Paz, Pontarolo, Vázquez Recio e Peloso (2025) aproximam identidade profissional, competência digital e narrativas de experiência. Essa perspectiva reforça que a identidade docente não é uma essência pronta: ela se reorganiza quando experiências, contextos, conhecimentos e modos de participação também mudam.

Claude Dubar ajuda a compreender a identidade profissional como uma negociação entre **identidade para si** e **identidade para o outro**. A primeira reúne a narrativa que construímos sobre quem somos e quem desejamos nos tornar; a segunda emerge das categorias, expectativas e reconhecimentos atribuídos por instituições, pares, estudantes e comunidades.

Trajetória	Rastros	Reconhecimento
Experiências, saberes, vínculos	Ações, produções, relações	Interpretações e confiança

Em ambientes digitais, os rastros não formam uma narrativa por si mesmos. Currículos, projetos, materiais, comentários e vínculos tornam-se sinais que diferentes públicos selecionam e interpretam a partir de expectativas próprias. A identidade acadêmico-profissional emerge,

portanto, da relação entre aquilo que o docente procura tornar compreensível e as leituras que instituições, pares, estudantes e comunidades constroem sobre sua trajetória. Essa relação é dinâmica: novos contextos podem reorganizar o sentido de registros antigos e exigir que a própria narrativa profissional seja revista.

01 / IDENTIDADE EM RELAÇÃO

Entre quem sou e como sou reconhecido

Identidade profissional é uma negociação contínua, não uma essência fixa.

Identidade para si

A narrativa que construímos sobre nossa trajetória, nossos saberes, valores e projetos: quem entendemos que estamos nos tornando profissionalmente.

Identidade para o outro

As categorias, expectativas e reconhecimentos atribuídos por estudantes, pares, instituições e comunidades profissionais.

Dubar (1997) permite compreender a identidade profissional como uma **dupla transação**: interna, quando o sujeito interpreta a própria trajetória; e externa, quando essa trajetória encontra classificações e reconhecimentos sociais. A identidade se estabiliza provisoriamente nesse diálogo, mas permanece aberta a mudanças.

Goffman (1959) ajuda a distinguir a região pública da atuação e os bastidores nos quais formulações são ensaiadas, ajustadas ou abandonadas. Nas redes, anotações provisórias, dúvidas e desabafos podem ser recebidos como posições acabadas. Por isso, construir presença não significa tornar público todo o processo de pensamento. Preservar espaços de elaboração, hesitação e aprendizagem é compatível com transparência e permite diferenciar aquilo que ainda está sendo investigado daquilo que o docente está preparado para sustentar publicamente.

Estudantes esperam clareza, cuidado e coerência pedagógica	**Pares** observam rigor, contribuição e pertencimento	**Instituições** leem responsabilidades, vínculos e condutas	**Públicos ampliados** podem chegar sem conhecer o contexto original

Colapso de contexto
Em ambientes digitais, públicos antes separados podem coexistir diante da mesma publicação. Coerência não significa falar do mesmo modo com todos; significa adaptar o tom sem romper os critérios, valores e limites que sustentam a trajetória.

Lentes mobilizadas: Dubar (1997); Goffman (1959); Boyd (2014); Paz et al. (2025).

01 / COERÊNCIA

Três pilares sustentam uma presença reconhecível

Propósito, repertório e comunicação precisam conversar.

Propósito pedagógico	Repertório e autoridade	Estilo de comunicação
Por que ensino? Que transformação considero importante favorecer?	Que formação, experiência, pesquisa e prática sustentam o que digo?	Como torno esse conhecimento claro, acessível e reconhecível?

A coerência não exige que propósito, repertório e comunicação permaneçam idênticos ao longo do tempo. Trajetórias mudam, campos de interesse se ampliam e modos de comunicar são ajustados a diferentes interlocutores. O que precisa permanecer compreensível são os critérios que ligam essas mudanças: porque determinado problema importa, que conhecimento sustenta a contribuição e como a forma escolhida respeita o público e o contexto.

Desse modo, coerência não é uniformidade nem ausência de contradições. É a possibilidade de reconhecer continuidade entre valores, evidências, escolhas e revisões, inclusive quando o profissional explica por que mudou de posição.

Coerência não é uniformidade.
É a possibilidade de reconhecer continuidade entre aquilo que o docente valoriza, aquilo que sabe, aquilo que demonstra e a maneira como se comunica.

01 / CONCEITOS

Identidade, imagem, marca, posicionamento e reputação

Próximos, mas não equivalentes.

	Pergunta central	Característica
Identidade	Quem venho me tornando profissionalmente?	Situada, relacional e histórica
Imagem	Que impressão esta situação produz?	Parcial e contextual
Marca	Pelo que minha atuação se torna reconhecível?	Percepção relativamente estável
Posicionamento	De que lugar escolho participar e contribuir?	Formulação explícita e revisável
Reputação	Que confiança minha atuação construiu no tempo?	Avaliação acumulada e relacional

Essas dimensões não são etapas lineares nem estão sob controle exclusivo do indivíduo, uma vez que uma imagem pode ser produzida em uma interação específica, a marca depende da repetição de sinais reconhecíveis, o posicionamento explicita um lugar de participação e a reputação acumula avaliações ao longo do tempo. Em todos os casos, reconhecimento também envolve relações de poder, pois campos, instituições, comunidades e plataformas não atribuem visibilidade e credibilidade pelos mesmos critérios, nem oferecem condições iguais de participação.

01 / DISTINÇÕES

Reconhecimento sem autopromoção

Quatro confusões que empobrecem a discussão.

Marca pessoal ≠ autopromoção

A marca torna uma contribuição reconhecível. Seu centro é aquilo que pode ser oferecido a uma comunidade, não a exaltação do indivíduo.

Visibilidade ≠ exposição excessiva

Ser encontrado não exige transformar a vida privada em conteúdo. É possível construir presença por projetos, materiais, pesquisa e participação.

Autoridade ≠ popularidade

Alcance mede circulação; autoridade depende da confiança construída em um território específico.

Posicionamento ≠ opinião sem evidências

Posicionar-se implica explicitar um lugar de contribuição, suas razões, seus limites e a base que sustenta a fala.

Síntese
Marca torna uma contribuição reconhecível; visibilidade permite que ela circule; autoridade sustenta confiança; posicionamento explicita de onde ela é oferecida.

02 / TERRITÓRIOS DE CONHECIMENTO

SABER MUITO EXIGE ORGANIZAR O FOCO

Foco não é empobrecimento da trajetória; é uma escolha de legibilidade.

Trajetórias docentes são amplas. Pesquisa, ensino, extensão, gestão e experiência profissional abrem muitas frentes de interesse. O desafio aparece quando todas elas são comunicadas ao mesmo tempo e a contribuição se torna difícil de reconhecer.

Escolher um território não significa negar o restante da trajetória. Significa definir um eixo a partir do qual os diferentes conhecimentos possam conversar com coerência.

02 / FOCO

Quando falar de tudo dilui a mensagem

Selecionar um foco não reduz a complexidade da trajetória, mas estabelece uma chave de leitura para que outras pessoas compreendam onde a experiência é mais consistente. Se toda comunicação seleciona, a questão ética e intelectual é tornar essa seleção proporcional ao repertório disponível, sem exagerar domínio, ocultar incertezas ou transformar interesses emergentes em autoridade consolidada.

O território de conhecimento funciona, assim, como escolha de legibilidade. Ele articula problemas, práticas, linguagens, comunidades e critérios de reconhecimento, permitindo que diferentes interesses se organizem em torno de uma contribuição sustentada.



Em vez de tratar esse movimento apenas como escolha de um nicho, é mais produtivo falar em **território de conhecimento**: um espaço intelectual e profissional constituído por problemas, práticas, linguagens, comunidades e critérios de reconhecimento.

> **Território não é prisão temática.**
> É um eixo de coerência que ajuda outras pessoas a compreenderem onde sua experiência é mais consistente e em que conversas sua contribuição pode gerar valor.

02 / ECOSSISTEMA

Do tema central ao ecossistema temático

Um foco pode abrigar variedade sem perder coerência.

Território central	O tema que organiza a contribuição
Conceitos e fundamentos	Teorias, definições, referências
Análise do cotidiano	Problemas, casos, mercado, sociedade
Metodologia e prática	Como faço, como ensino, como aplico
Visão crítica	Tensões, controvérsias, perspectivas

O repertório cotidiano oferece matéria para esse ecossistema: aulas, pesquisas, projetos, perguntas recorrentes e problemas observados na prática. Transformar esse material em contribuição pública, porém, exige curadoria. É preciso selecionar o que merece circular, explicitar fontes e coautorias, adaptar a linguagem sem apagar a complexidade e verificar se experiências compartilhadas podem ser retomadas sem expor terceiros. Criar não é produzir novidade constante, mas reorganizar conhecimento com propósito, atribuição e responsabilidade.

02 / PERTENCIMENTO

Territórios são feitos de comunidades

Pertencer é participar, aprender critérios e contribuir.

Trowler retoma a ideia de “tribos e territórios acadêmicos” para mostrar que campos de conhecimento possuem culturas, linguagens, práticas, critérios de legitimidade e relações de poder. Wenger e Lave ajudam a compreender como o pertencimento se constrói por participação.

Domínio	**Comunidade**	**Prática**
Problemas e temas compartilhados.	Interação, reconhecimento e aprendizagem conjunta.	Repertórios, ferramentas, histórias e modos de fazer.

Uma trajetória pode articular **território central**, **territórios complementares** e **territórios emergentes**. Nos emergentes, reconhecer-se em aprendizagem é uma forma de rigor, não um sinal de fragilidade.

Participação legítima não exige chegar a um novo campo como autoridade. É possível observar, aprender vocabulários, compreender critérios, contribuir gradualmente e deixar que o reconhecimento se construa.

02 / COMUNIDADES DE PRÁTICA

Pertencimento também se aprende

Entrar em um território é participar de práticas, linguagens e relações.

Lave e Wenger (1991) mostram que aprender não é apenas acumular informação; é tornar-se participante de práticas sociais. Wenger (1998) organiza a ideia de comunidade de prática em três dimensões que ajudam a ler um território de conhecimento.

Domínio	Comunidade	Prática
Uma área de interesse e problemas compartilhados que produz identidade comum.	Relações nas quais pessoas aprendem, reconhecem contribuições e negociam sentidos.	Repertório de ferramentas, histórias, métodos, conceitos e modos de fazer desenvolvidos ao longo do tempo.

A noção de **participação periférica legítima** é especialmente útil para territórios emergentes. O profissional não precisa entrar em um campo apresentando-se como autoridade. Pode aproximar-se de maneira responsável e progressiva.

Observar debates e problemas › **Aprender** linguagens e critérios › **Contribuir** com alcance proporcional › **Ser reconhecido** pela participação sustentada

> **Uma identidade acadêmica crítica**
> Territórios também possuem fronteiras, hierarquias e relações de poder. Pertencer implica aprender critérios de legitimidade e, ao mesmo tempo, desenvolver condições para questionar quem participou historicamente de sua definição e quem permaneceu à margem.

Lentes mobilizadas: Lave e Wenger (1991); Wenger (1998); Trowler (2014).

02 / POSICIONAMENTO

Do território a uma declaração de contribuição

Posicionamento orienta; não precisa virar slogan.

O que domino + **O que me mobiliza** + **O que a sociedade precisa compreender**

Um posicionamento acadêmico-profissional torna compreensível o lugar de onde o docente participa de um campo, com quem dialoga, que problemas reconhece e que contribuição consegue sustentar.

> **Uma formulação possível**
> "Contribuo com [público/comunidade] na compreensão de [problema/território], articulando [experiência/conhecimento] com [abordagem ou princípio]."

A formulação é provisória. Territórios mudam, conhecimentos se ampliam e projetos ganham novas direções. Revisar um posicionamento pode ser evidência de aprendizagem quando as razões da mudança permanecem compreensíveis.

03 / AUTORIDADE E RECONHECIMENTO

DA AFIRMAÇÃO À CONFIANÇA

Autoridade não nasce do adjetivo “especialista”, mas das razões que tornam uma contribuição confiável.

Uma pessoa pode declarar experiência, inovação ou liderança. Essas afirmações só se tornam convincentes quando outras pessoas conseguem compreender o que as sustenta.

Formação, prática, pesquisa, projetos, resultados contextualizados, materiais autorais, participação em comunidades e reconhecimentos podem funcionar como evidências — desde que sejam apresentados com contexto, limites e possibilidade de exame.

03 / EVIDÊNCIAS

O que sustenta uma contribuição?

Evidência torna a afirmação examinável.

	O que pode demonstrar	Cuidado necessário
Formação e pesquisa	Base teórica e metodológica	Evitar tratar título como autoridade universal
Experiência profissional	Conhecimento situado de problemas reais	Explicitar contexto e limites
Projetos e práticas	Capacidade de transformar conhecimento em ação	Não generalizar um caso isolado
Produções autorais	Capacidade de sistematizar e comunicar	Reconhecer fontes e coautorias
Reconhecimento de pares	Confiança construída em comunidades	Não confundir convite ou elogio com validação ampla

Nenhum registro funciona como evidência independentemente da interpretação. Um título, um projeto, um resultado ou um convite precisa ser relacionado à afirmação que pretende sustentar. Isso implica informar contexto, participação de outras pessoas, condições de realização, alcance e limites. A força da evidência não está em produzir impressão favorável, mas em permitir que o público examine a relação entre o que é afirmado e aquilo que efetivamente foi realizado.

03 / REDE

Reconhecimento é relacional

Uma reputação não é controlada individualmente.

Recuero mostra que redes sociais são formadas por atores, conexões e formas de capital social. Visibilidade e reputação emergem das relações e, por isso, não são objetos que uma pessoa controla integralmente.

Bourdieu ajuda a lembrar que o campo científico também distribui reconhecimento por mecanismos próprios. Publicações, posições institucionais e validações de pares possuem pesos distintos conforme o campo. Em plataformas digitais, surge ainda uma força de circulação baseada em atenção, recomendação e engajamento.

Capital científico	**Visibilidade digital**
Rigor, pares, produção reconhecida, participação no campo	Alcance, circulação, recomendação, atenção algorítmica

Essas dimensões podem se encontrar, mas não são equivalentes. Um conteúdo muito visto pode ser frágil; uma contribuição relevante pode circular pouco. O desafio é usar a visibilidade para ampliar acesso sem transformá-la em substituta do rigor.

> **Uma distinção importante**
> Neste e-book, “capital de visibilidade digital” é usado como uma lente analítica para nomear alcance e atenção mediados por plataformas. Não é uma categoria formulada por Bourdieu e não substitui capital científico, reconhecimento de pares ou evidências de autoridade.

> **Documentar sem universalizar**
> Uma experiência bem-sucedida pode revelar uma contribuição relevante sem autorizar conclusões universais. Documentar também é explicitar contexto, condições, limites, dúvidas e o que ainda precisa ser investigado.

03 / CAMPOS, REDES E PLATAFORMAS

Nem todo reconhecimento obedece ao mesmo critério

A mesma trajetória pode ser lida por sistemas diferentes de validação.

Campo acadêmico	Redes profissionais	Plataformas
Pares, pesquisa, publicações, formação, participação institucional e critérios disciplinares de legitimidade.	Relações, colaboração, circulação de materiais, convites, usos e confiança construída em comunidades.	Alcance, atenção, recomendação e métricas produzidas por infraestruturas cujo objetivo não é validar rigor acadêmico.

Bourdieu (2004) ajuda a compreender o campo científico como espaço de disputas por reconhecimento. Recuero (2011) mostra que reputação e visibilidade emergem das relações em rede. Van Dijck, Poell e de Waal (2018) acrescentam que plataformas reorganizam valores e práticas ao mediar o que circula, como circula e o que ganha atenção.

Essas lógicas podem convergir, mas não devem ser confundidas. Uma contribuição academicamente consistente pode ter baixa circulação; um conteúdo altamente recomendado pode não apresentar sustentação equivalente. O desafio não é rejeitar a visibilidade, mas **impedir que ela se torne substituta do rigor**.

> **Pergunta de leitura:**
> Quando uma métrica cresce, o que exatamente cresceu: alcance, reconhecimento, aprendizagem, confiança, uso profissional ou apenas atenção?

Revisões sobre o uso de mídias sociais por acadêmicos mostram oportunidades de disseminação, relacionamento profissional e acompanhamento de debates, ao lado de barreiras e riscos. Presença digital, portanto, não é obrigação universal nem garantia automática de autoridade.

Lentes mobilizadas: Bourdieu (2004); Recuero (2011); Chugh, Grose e Macht (2021); Van Dijck, Poell e de Waal (2018).

03 / AUTORIDADE

Visibilidade não é autoridade

Métricas de circulação não medem, sozinhas, confiança.

	O que não comprova sozinho	Indício mais próximo de autoridade
Visualizações	Compreensão ou rigor	Capacidade de explicar conceitos com fundamentos e limites
Curtidas	Qualidade da interpretação	Argumentos examináveis e diálogo qualificado
Seguidores	Especialidade em um campo	Contribuições reconhecidas por uma comunidade
Compartilhamentos	Aplicabilidade do conhecimento	Uso contextualizado, referência e adaptação responsável

Autoridade é relacional
Uma audiência pequena pode reconhecer grande autoridade quando há coerência entre território, evidências, participação, rigor e contribuição.

04 / VOZ DOCENTE

UMA VOZ RECONHECÍVEL SEM PERSONAGEM

Autenticidade não é improviso; é coerência entre bagagem, valores e comunicação.

A ansiedade de “parecer alguém da internet” leva muitos profissionais a imaginar que precisam copiar gírias, gestos, formatos ou personagens. Para a identidade acadêmica, essa estratégia costuma produzir o efeito oposto: artificialidade, desconforto e perda de credibilidade.

A voz docente já existe. Ela pode ser reconhecida e refinada a partir da maneira como o professor explica, questiona, escolhe exemplos, constrói relações e sustenta seus valores.

04 / AUTENTICIDADE

A voz já está na prática

Bagagem, valores e linguagem deixam padrões reconhecíveis.

Bagagem Formação, experiência, repertório	**Valores** Princípios que orientam escolhas	**Linguagem** Vocabulário, exemplos, ritmo	**Relação** Como escuta, responde e dialoga

Voz Docente

Voz não é sinônimo de falar sempre do mesmo modo. O tom varia conforme contexto, objetivo e interlocutor. Uma explicação para especialistas pode ser mais técnica; uma introdução para estudantes iniciantes pode usar analogias e exemplos cotidianos. A coerência está nos critérios e valores que permanecem reconhecíveis.

Autenticidade não significa ausência de intenção

Comunicar bem exige escolha, edição e adaptação. O ponto é não substituir a identidade profissional por uma persona que contradiga a própria trajetória.

04 / ESTILOS

Quatro estilos para observar a própria comunicação

Perfis ajudam a reconhecer tendências, não a criar rótulos.

Provocador / crítico Mobiliza perguntas, tensiona certezas e estimula pensamento autônomo.	**Tradutor didático** Desmonta complexidade, usa analogias e constrói pontes para a compreensão.
Mentor acolhedor Conecta aprendizagem acadêmica, desenvolvimento profissional e cuidado.	**Analítico / metodológico** Organiza dados, evidências, fontes e procedimentos com estrutura explícita.

Os estilos funcionam como lentes para observar escolhas recorrentes, não como identidades fixas. Um mesmo docente pode assumir uma postura analítica ao apresentar evidências, uma postura tradutora ao introduzir um conceito e uma postura acolhedora ao responder a uma dificuldade. A voz reconhecível não nasce da repetição de um único estilo, mas da continuidade dos critérios que orientam essas escolhas.

Nomear tendências pode apoiar a comunicação, desde que não transforme repertório e relação em personagem. A diferenciação profissional emerge do modo como o docente pensa, seleciona problemas, dialoga e sustenta suas contribuições em situações reais.

04 / TRADUÇÃO

Rigor e acessibilidade podem coexistir

Nem jargão impenetrável, nem simplificação vazia.

Formalidade excessiva jargão, distância, dificuldade de acesso	**Clareza com rigor** tradução pedagógica, exemplos, contexto, precisão	**Imitação de tendências** artificialidade, perda de identidade, superficialização

Uma voz acadêmica reconhecível consegue transformar conhecimento especializado em comunicação acessível sem descaracterizar a profissão. Isso exige traduzir conceitos, não esvaziá-los; escolher exemplos, não substituir evidências; adaptar a linguagem, não abandonar critérios.

Traduzir conhecimento também é interpretar. Ao escolher um exemplo, uma analogia ou uma sequência, o docente destaca relações e deixa outras em segundo plano. A responsabilidade está em tornar essas escolhas perceptíveis, preservar as condições que dão sentido ao conceito e indicar quando a explicação introdutória precisa ser complementada. Acessibilidade não é reduzir toda complexidade, mas construir entradas para que diferentes públicos possam avançar nela.

Bakhtin lembra que toda voz é dialógica: responde a outras vozes e antecipa interlocutores. Freire acrescenta que a comunicação educativa se realiza no diálogo, não na imposição. Autoria, portanto, não é isolamento; é capacidade de organizar uma contribuição própria reconhecendo relações, referências e alteridade.

04 / VOZ, CURADORIA E DIÁLOGO

A voz também se constrói pelo que escolhemos amplificar

Autoria não é isolamento: toda voz organiza relações com outras vozes.

Bakhtin (2003) permite pensar a voz como dialógica e polifônica: quando falamos, respondemos a enunciados anteriores, dialogamos com interlocutores atuais e antecipamos respostas futuras. Isso desloca a autoria da ideia de originalidade isolada para a capacidade de produzir uma contribuição reconhecível em relação.

Perguntas quais problemas merecem ser colocados em circulação?	**Fontes** quem é reconhecido como referência e com que critérios?
Exemplos que experiências tornam conceitos compreensíveis?	**Relações** como discordar, atribuir e reconhecer contribuições?

Freire (1987) acrescenta uma exigência pedagógica: comunicar conhecimento não é ocupar todo o espaço da fala, mas criar condições para diálogo, leitura crítica e autonomia. Uma presença pública docente perde força quando apenas transfere para as redes a lógica de transmissão unilateral.

A curadoria também faz parte da voz. Abreu, Dias e Oliveira (2024), em um estudo situado na formação de professores de francês, mostram como escolhas de vídeos e podcasts podem reproduzir repertórios restritos e apagamentos. A lição mais ampla é que selecionar materiais envolve critérios éticos, estéticos e culturais, e não apenas conveniência técnica.

> **Autoria responsável**
> Uma voz reconhecível não é aquela que fala sozinha, mas aquela que torna visíveis seus critérios, reconhece referências e constrói um repertório capaz de incluir, tensionar e contextualizar perspectivas.

Lentes mobilizadas: Bakhtin (2003); Freire (1987); Abreu, Dias e Oliveira (2024).

04 / VULNERABILIDADE

Autoridade humana conhece seus limites

Não saber também pode comunicar integridade.

Ao sair da sala de aula e entrar em ambientes públicos, o docente encontra perguntas inesperadas, discordâncias e temas que ultrapassam sua especialidade. A tentação de responder imediatamente pode levar a afirmações frágeis ou a um transbordamento indevido da autoridade.

Ballantyne (2019) chama de **transbordamento epistêmico** a passagem de especialistas para julgamentos em campos nos quais não possuem competência equivalente. Em ambientes digitais, o prestígio conquistado em um território pode fazer a audiência atribuir à fala uma autoridade maior do que sua base efetiva permite.

01 Reconhecer o território da pergunta

02 Avaliar se há base suficiente

03 Marcar incertezas e limites

04 Pesquisar, indicar fontes ou encaminhar

A humildade epistêmica não relativiza evidências robustas. Ela calibra a força de uma afirmação à qualidade de sua sustentação. Dizer “não sei”, “isso está fora da minha especialidade” ou “preciso verificar” pode fortalecer a confiança quando mostra compromisso com critérios.

> **Autoridade sustentável é compatível com vulnerabilidade intelectual.**
> O reconhecimento não depende de ter respostas para tudo, mas de saber quando afirmar, quando perguntar, quando revisar e quando reconhecer os limites da própria expertise.

05 / PRESENÇA PÚBLICA

PRESENÇA COM LIMITES É PRESENÇA PROFISSIONAL

Tornar conhecimento público não exige tornar a vida inteira pública.

O caminho não precisa ser a exposição total nem o silêncio. A retirada completa da esfera pública também produz efeitos, reduz a circulação de conhecimentos docentes e pode deixar determinadas interpretações sem contestação qualificada. A questão é construir condições adequadas para diferentes formas de fala.

Uma explicação didática, um relato reflexivo, uma hipótese, uma denúncia e uma opinião pessoal não exigem os mesmos critérios de publicação. Identificar a natureza da mensagem, explicitar seus limites e escolher o ambiente de circulação ajuda o público a interpretar o conteúdo sem atribuir a todas as falas o mesmo grau de certeza ou autoridade.

05 / PÚBLICO E PRIVADO

Nem tudo precisa virar conteúdo

A intenção pedagógica ajuda a decidir.

Tenho uma experiência ou informação que poderia compartilhar	Isso contribui para a compreensão do tema ou para a formação de quem acompanha?
SIM Examinar contexto, pessoas envolvidas, direitos, evidências e limites	**NÃO** Pode permanecer no âmbito privado

Vida pessoal e trajetória profissional podem se encontrar, mas não precisam se fundir. Um episódio privado pode se tornar exemplo quando possui relação clara com o conhecimento que se deseja compartilhar e quando sua circulação não expõe terceiros nem viola limites pessoais.

A pergunta não é “posso publicar?”, mas também “por que isso precisa ser público?” e “que aprendizagem ou contribuição essa exposição sustenta?”.

05 / PÚBLICOS EM REDE

Uma mensagem não circula apenas para o público imaginado

Publicar é entrar em uma relação distribuída entre pessoas, plataformas e contextos.

Toda comunicação supõe um destinatário. Podemos imaginar estudantes, colegas, profissionais de determinada área ou participantes de uma formação. Marwick e Boyd (2011) mostram, porém, que essa **audiência imaginada** raramente esgota os públicos que podem encontrar uma mensagem.

A responsabilidade não cresce apenas quando alguém pretende influenciar. Ela também cresce quando a mensagem adquire capacidade efetiva de circulação, permanece disponível e passa a orientar interpretações ou decisões. Essa capacidade é distribuída entre docente, plataformas, instituições e audiências. Por isso, responsabilidade pública não significa controlar todos os efeitos, mas considerar riscos previsíveis, oferecer contexto suficiente e responder quando consequências relevantes se tornam visíveis.

Docente	Plataforma	Audiências	Novos contextos
escolhe conteúdo, forma e contexto inicial	ordena, recomenda e prolonga circulação	interpretam, comentam, recortam e redistribuem	reconfiguram sentidos e consequências

Boyd (2010) descreve propriedades dos públicos em rede que ajudam a compreender por que o controle é limitado.

Persistência	Replicabilidade	Escalabilidade	Buscabilidade
o registro pode permanecer disponível	o conteúdo pode ser copiado e recortado	o alcance pode ultrapassar o previsto	fragmentos podem reaparecer em outro momento

> **Responsabilidade distribuída não significa responsabilidade inexistente**
> O docente não controla todas as consequências, mas pode considerar riscos previsíveis, marcar contextos e limites, proteger terceiros e manter capacidade de resposta quando a circulação produz efeitos inesperados.

Lentes mobilizadas: Boyd (2010, 2014); Marwick e Boyd (2011); Veletsianos (2016).

05 / CUIDADO

Quem escolheu estar exposto?

O foco do conteúdo é o saber docente, não a exposição de terceiros.

Estudantes Notas, imagens, falas, dificuldades e episódios de sala exigem proteção. Consentimento formal nem sempre elimina assimetrias de poder.	**Instituições e pesquisas** Dados internos, resultados não publicados, informações protegidas e regras de compliance devem permanecer sob os critérios adequados.
Autoria e coautoria Materiais construídos com colegas, estudantes ou instituições pedem atribuição, reconhecimento de contribuições e respeito a direitos.	**Inteligência artificial** O uso de IA não transfere responsabilidade. Cabe verificar fontes, proteger dados e assumir a decisão final sobre o que é publicado.

A ética do cuidado acrescenta uma pergunta importante: mesmo quando algo é permitido, a publicação preserva a dignidade, a segurança e a vulnerabilidade das pessoas envolvidas?

05 / CUIDADO E VULNERABILIDADE

Consentimento não elimina toda assimetria

Legalidade, autorização e legitimidade ética são perguntas diferentes.

Grande parte do conhecimento docente nasce de relações: dúvidas de estudantes, erros produtivos, conversas com colegas, projetos institucionais e experiências compartilhadas. Quando uma dessas situações vira conteúdo público, porém, as condições de exposição mudam.

Há base jurídica?	Dados, imagens, obras e informações possuem regras de uso e proteção.
Há autorização institucional?	Políticas, contratos, pesquisas e responsabilidades profissionais podem impor limites adicionais.
É eticamente justificável?	Mesmo quando permitido, o uso pode transferir risco para quem não escolheu a exposição.

A ética do cuidado, desenvolvida por autoras como Joan Tronto, chama atenção para interdependência, relações de poder e vulnerabilidade. Em relações docentes, consentimento pode ocorrer em contextos assimétricos. Por isso, autorização formal é importante, mas não encerra a análise.

Anonimização não é apenas retirar o nome	Turma, data, disciplina, condição específica ou combinação de detalhes podem permitir reconhecimento indireto por quem conhece a situação.
Coautoria também precisa aparecer	Planejamentos, metodologias e materiais podem resultar de colaboração. Reconhecer contribuições não diminui autoria; torna visível a rede que tornou a criação possível.

> **Critério de cuidado**
> O relato continua pedagogicamente relevante se reduzirmos detalhes identificáveis, combinarmos casos ou transformarmos a situação em exemplo hipotético? Se sim, por que transferir a terceiros o custo da exposição?

Lentes mobilizadas: Tronto (1993); Paskevicius (2021); Brasil - LGPD (2018) e Lei de Direitos Autorais (1998).

05 / DIVERGÊNCIAS

Discordância não precisa virar confronto

Manter o debate no plano acadêmico protege a qualidade da conversa.

01 **Evite responder no calor da emoção**

02 **Separe crítica ao argumento de ataque pessoal**

03 **Responda com dados, conceitos e fontes**

04 **Reconheça quando correção ou reparação é necessária**

Ambientes públicos aumentam a velocidade da resposta e a sensação de exposição. A autoridade acadêmica exige outra temporalidade: ler, verificar, contextualizar e responder de modo proporcional.

Nem toda controvérsia é o mesmo tipo de erro. Uma informação factual incorreta, uma interpretação discutível, uma mudança legítima de posição e uma publicação que causa dano pedem respostas diferentes. Corrigir pode significar atualizar um dado; reparar pode exigir reconhecer publicamente o efeito causado e rever procedimentos.

> **Confiança não depende de infalibilidade.**
> Ela se fortalece quando os critérios antes da publicação e a responsabilidade depois dela permanecem visíveis.

05 / DO ERRO À REPARAÇÃO

Corrigir não é o mesmo que reparar

Uma autoridade confiável não depende de parecer infalível.

Tratar reputação como algo que qualquer falha pode destruir favorece dois extremos: silêncio por medo ou defesa obstinada de posições já assumidas. Uma autoridade orientada por aprendizagem precisa distinguir tipos de problema e responder de forma proporcional.

Reconhecer	›	Corrigir	›	Reparar	›	Aprender
nomear o que estava inadequado		restabelecer informação ou atribuição		responder aos efeitos sobre pessoas		rever critérios e procedimentos

Uma informação desatualizada pode exigir retificação. Uma fonte inexistente pede correção e explicação. Uma exposição indevida pode exigir retirada, contato com a pessoa afetada, registro público da mudança e revisão de procedimentos. **Reparação não é gestão de imagem; é resposta ao dano.**

A justiça restaurativa oferece uma lente útil ao deslocar a pergunta “como preservar minha reputação?” para “quem foi afetado, do que precisa e que responsabilidade cabe a quem causou o dano?”. Butler também ajuda a pensar prestação de contas sem a fantasia de um sujeito totalmente autossuficiente.

> **A assimetria entre erro e correção**
> Em redes, a informação incorreta pode alcançar mais pessoas do que sua retificação. Por isso, editar silenciosamente nem sempre basta. A correção precisa ser visível e proporcional ao alcance e à natureza do problema.

Lentes mobilizadas: Zehr (2008); Butler (2015).

05 / VISIBILIDADE E VULNERABILIDADE

O direito ao erro não é distribuído igualmente

Exposição pública produz oportunidades e riscos em condições sociais diferentes.

Veletsianos (2016) mostra que participação acadêmica em rede pode ampliar colaboração e circulação, mas também trazer assédio, vigilância, apropriação indevida e trabalho emocional. Por isso, recomendações genéricas do tipo “todo professor precisa ser mais visível” ignoram diferenças concretas de proteção e custo.

Fricker (2007) propõe o conceito de **injustiça epistêmica** para mostrar como relações de poder interferem em quem é reconhecido como sujeito de conhecimento. Duas lentes ajudam a observar a presença pública.

Injustiça testemunhal	Injustiça hermenêutica
Preconceitos podem produzir déficits de credibilidade: a fala de algumas pessoas é recebida com menos confiança antes mesmo de seu argumento ser examinado.	Grupos podem dispor de menos recursos coletivos para tornar determinadas experiências compreensíveis e reconhecidas no espaço público.

Isso não significa que toda crítica seja injusta nem que rigor deva ser abandonado. Significa reconhecer que **erros, tons e exposições semelhantes podem produzir custos muito diferentes** conforme posição institucional, acesso a redes de proteção e marcadores sociais.

> **Uma presença responsável também é coletiva.**
> Instituições e comunidades precisam oferecer políticas, critérios e canais de apoio que distingam crítica legítima, conflito profissional e violência direcionada. Problemas estruturais não devem ser tratados apenas como falhas individuais de prudência.

Lentes mobilizadas: Fricker (2007); Veletsianos (2016); Recuero (2011).

05 / REPUTAÇÃO

Reputação é memória ética de uma trajetória

Ela registra o que dizemos e também como respondemos às consequências.

Reputação não é uma fotografia produzida por uma publicação bem planejada. É uma **memória social acumulada** em sucessivas interações: o que uma pessoa afirma, como sustenta suas afirmações, quais contribuições reconhece, como lida com discordâncias e o que faz quando identifica um dano.

Conteúdo o que afirmo e compartilho	+	**Conduta** como participo e reconheço os outros	+	**Resposta** como reviso, corrijo e reparo

A autoridade pública docente nasce do encontro entre conhecimento e reconhecimento. Participar de redes de conhecimento significa aceitar que contribuições serão lidas, usadas, contestadas e transformadas diante de outros. A ética não funciona como limite externo à reputação: ela constitui a própria possibilidade de uma reputação confiável.

Nenhum profissional controla integralmente como será percebido. A gestão responsável da reputação não administra a mente das pessoas; torna visíveis os **critérios** que orientam a trajetória: rigor, honestidade intelectual, atribuição, cuidado, abertura à contestação e disposição para reparar.

> **Coerência não é imobilidade.**
> Trajetórias mudam, conhecimentos são atualizados e posições podem ser revistas. A continuidade relevante está nos princípios e nos critérios que tornam essas mudanças compreensíveis.

Lentes mobilizadas: Veletsianos e Kimmons (2012); Veletsianos (2016); Boyd (2010).

05 / SUSTENTABILIDADE

Presença pública também é trabalho

Autonomia e circulação não devem virar obrigação permanente.

Produzir, editar, publicar, responder, acompanhar métricas e manter canais constitui trabalho, consome tempo, energia e recursos e não se distribui igualmente. Condições institucionais, estabilidade profissional, equipamentos, redes de apoio e segurança diante da exposição influenciam quem consegue manter presença pública.

Potenciais	Riscos
autonomia, colaboração, circulação, reconhecimento, democratização do acesso	dependência de métricas, hiperconectividade, autoexploração, desgaste emocional

Byung-Chul Han e Ricardo Antunes oferecem lentes críticas para pensar a pressão por desempenho e a intensificação do trabalho. A questão não é recusar a presença pública, mas definir limites de tempo, exposição, canais e responsabilidades que tornem essa atuação sustentável.

> **Construir limites não diminui a autoria. É parte da autoria profissional.**

A questão não é recusar a circulação, mas definir limites de tempo, frequência, canais e exposição compatíveis com a vida e o trabalho. Instituições também têm responsabilidade então devem transformar visibilidade em obrigação informal nem abandonar profissionais diante de assédio, apropriação indevida ou exposição desproporcional. Construir limites é parte da autoria e da proteção coletiva.

05 / RESPONSABILIDADE SOCIAL

Conhecimento público pode ampliar o acesso

A presença ganha sentido quando a contribuição ultrapassa a busca por visibilidade.

A circulação pública de conhecimentos pode ampliar o acesso a repertórios qualificados, especialmente em contextos marcados por desinformação e simplificação. Esse potencial não transforma o docente em porta-voz universal nem converte divulgação em transmissão unilateral. Tornar conhecimento público exige reconhecer debates, indicar fontes, explicar limites e criar condições para que diferentes pessoas possam compreender, questionar e relacionar o que recebem.

Responsabilidade social não se mede apenas pelo alcance. Ela aparece na relevância do problema escolhido, na qualidade da mediação, na diversidade das vozes reconhecidas e na possibilidade de o conhecimento contribuir para decisões e conversas mais informadas.

> **Presença pública com responsabilidade**
> Conhecimento + clareza + evidências + cuidado + diálogo + limites = contribuição que pode gerar impacto sem abandonar o compromisso acadêmico.

Veletsianos e Kimmons (2012) descrevem a **scholarship participativa em rede** como práticas de compartilhar, refletir, criticar, validar e desenvolver conhecimento em redes. Paskevicius (2021) acrescenta que educadores atuam como criadores ao combinar, adaptar, atribuir e compartilhar recursos digitais de forma legal, ética e pedagogicamente situada.

A marca profissional deixa, então, de ser um projeto centrado no “eu” e passa a ser uma pergunta sobre o que a trajetória docente pode oferecer às comunidades com as quais se relaciona.

06 / COERÊNCIA PROFISSIONAL

UMA HISTÓRIA COERENTE, NÃO UMA IMAGEM PERFEITA

Trajetória, território, evidências, voz, valores e limites precisam poder ser lidos em conjunto.

Uma trajetória real contém mudanças, dúvidas, rupturas e aprendizagens. Coerência não é apagar essas transformações, mas torná-las compreensíveis.

Identidade acadêmica torna-se reconhecível quando diferentes dimensões da atuação conseguem dialogar sem fabricar uma personagem e sem esconder tensões que ainda precisam amadurecer.

06 / MATRIZ DE RESPONSABILIDADE PÚBLICA

Leia a circulação como um sistema de responsabilidades

Seis dimensões ajudam a examinar o que muda quando uma contribuição se torna pública.

	Pergunta de análise	Evidências a observar
Propósito	Por que esta mensagem precisa circular?	Contribuição pedagógica, acadêmica ou social que justifica a publicação.
Evidência	O que sustenta o que afirmo?	Fontes, experiência contextualizada, incertezas e limites.
Pessoas	Quem aparece ou pode ser afetado?	Consentimento, assimetrias, reconhecimento indireto e coautoria.
Contexto	O que o público precisa saber para interpretar?	Gênero da fala, situação de origem e condições de aplicação.
Circulação	Que públicos e ambientes podem encontrar a mensagem?	Persistência, replicabilidade, escalabilidade e buscabilidade.
Resposta	O que farei se surgirem erro ou dano?	Correção, reparação, aprendizagem e revisão de procedimentos.

Critério de análise

Uma publicação responsável não elimina todos os riscos; ela torna visíveis as razões da escolha, reduz danos evitáveis e preserva capacidade de resposta.

06 / PERGUNTAS PARA UMA DECISÃO ÉTICA

Da intenção à decisão responsável

Antes de publicar, examine a relação entre contribuição, evidências, pessoas e possíveis efeitos.

Finalidade	Que contribuição justifica tornar a mensagem pública?
Sustentação	Que conhecimento, experiência e fontes sustentam a afirmação?
Terceiros	Quem aparece, contribuiu ou pode ser identificado e afetado?
Contexto	Que informação precisa acompanhar a mensagem para evitar leitura enganosa?
Circulação	Em quais ambientes e diante de quais públicos o conteúdo pode reaparecer?
Resposta	Como corrigirei ou repararei se novos efeitos se tornarem visíveis?

Um posicionamento não precisa dizer tudo sobre a trajetória. Toda síntese seleciona. O cuidado está em não transformar seleção em distorção: o que se comunica deve ser proporcional ao que a experiência e as evidências permitem sustentar.

Posicionamentos também mudam. Novas experiências, pesquisas e comunidades podem deslocar o território ou ampliar a contribuição. Coerência não é permanecer idêntico; é tornar compreensíveis as razões da mudança.

Critérios				
Necessária	**Sustentada**	**Contextualizada**	**Cuidadosa**	**Responsiva**

> **Nenhuma decisão elimina toda incerteza. O objetivo é substituir o impulso de publicar pela capacidade de justificar por que, como e em quais condições uma contribuição deve circular.**

06 / DILEMAS DA PRESENÇA DOCENTE

Seis dilemas para testar os critérios

Situações públicas raramente apresentam uma única resposta correta.

Autoridade emprestada	Um docente reconhecido em sua área comenta de forma categórica um tema fora de sua expertise. Como demarcar a natureza da fala?
Anonimato insuficiente	Um relato não cita o nome do estudante, mas reúne detalhes que permitem reconhecê-lo. O que precisa ser retirado ou reconstruído?
Autoria distribuída	Uma metodologia criada coletivamente aparece em um portfólio individual sem atribuição. Que contribuições e acordos precisam ser reconhecidos?
Correção invisível	Um dado incorreto é editado sem registro, depois de ter circulado. Que correção seria proporcional ao alcance original?
Conteúdo com IA	Uma análise apresenta referências inexistentes geradas por IA. Como corrigir sem transferir a responsabilidade para a ferramenta?
Crítica institucional	Uma denúncia relevante inclui dados que expõem estudantes e a instituição. Como preservar o interesse público e reduzir danos?

Para chegar à oficina

Escolha um dos dilemas e identifique propósito, evidências, pessoas afetadas, contexto, circulação possível e forma de resposta.

Pergunta para levar adiante

Que percepção minha trajetória, minhas evidências, minha voz, meus valores e meus limites constroem juntas sobre quem sou profissionalmente?

06 / SÍNTESE

Da trajetória ao reconhecimento

A identidade acadêmica é relação, não performance.

A marca profissional começa em uma trajetória que acumulou conhecimentos, escolhas, relações e responsabilidades. O território organiza o foco, as evidências tornam a contribuição examinável, a voz torna a comunicação reconhecível e o posicionamento explicita um lugar de participação. Quando essa contribuição circula, pessoas, plataformas, instituições e contextos também interferem no modo como ela será interpretada.

Trajetória	Território	Evidências	Voz	Posicionamento	Reputação	Revisão

Construir identidade acadêmica não significa fabricar uma versão estratégica de si mesmo nem controlar todas as leituras. Significa participar conscientemente de processos de reconhecimento, tornando visíveis os fundamentos, os valores e os limites que orientam a atuação. A reputação registra essa trajetória e também a maneira como o docente reconhece contribuições, responde a críticas, corrige informações e repara danos.

As próximas etapas podem transformar essa clareza em decisões de circulação, formatos e produtos. O princípio permanece: comunicar mais não é o objetivo. O objetivo é oferecer uma contribuição compreensível, sustentada e responsável, preservando pessoas, rigor e condições sustentáveis de participação.

> **Identidade acadêmica torna-se reconhecível quando trajetória, território, evidências, voz, valores e limites permanecem coerentes também diante das consequências da circulação.**

CONSULTA RÁPIDA

CONCEITOS PARA RETOMAR

Definições operacionais deste e-book.

Identidade profissional docente
Construção situada e relacional por meio da qual o docente interpreta trajetória, saberes, valores e pertencimentos.

Marca pessoal acadêmica
Percepção relativamente estável que se forma quando sinais de uma atuação se repetem com coerência.

Território de conhecimento
Espaço intelectual e profissional constituído por temas, problemas, práticas, comunidades e critérios de reconhecimento.

Evidência de autoridade
Registro, produção, experiência documentada ou reconhecimento que torna uma contribuição examinável.

Voz docente
Padrão reconhecível de comunicação que integra repertório, valores, linguagem e relação com o público.

Posicionamento
Formulação clara e revisável do lugar intelectual e profissional a partir do qual se participa de um campo.

Reputação
Memória social acumulada sobre a confiabilidade e a consistência de uma atuação.

Presença sustentável
Participação pública compatível com limites pessoais, institucionais, éticos e de trabalho.

Presença sustentável
Forma de participação digital compatível com limites pessoais, condições de trabalho, propósito e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

FUNDAMENTOS PARA APROFUNDAR A LEITURA

- **IDENTIDADE, TERRITÓRIOS, RECONHECIMENTO E VOZ.**

ABREU, M. dos S.; DIAS, L. C. da C.; OLIVEIRA, M. E. de S. **Curadoria digital e decolonial de vídeos e podcasts na educação linguística em francês.** Texto Livre, v. 17, e47937, 2024. DOI: 10.1590/1983-3652.2024.47937.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Os Usos Sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOYD, danah. **Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications**. In: PAPACHARISSI, Z. (org.). *Networked Self*. New York: Routledge, 2010.

BOYD, danah. It's Complicated: the social lives of networked teens**.** New Haven: Yale University Press, 2014.

CHUGH, R.; GROSE, R.; MACHT, S. A. **Social media usage by higher education academics: a scoping review of the literature.** *Education and Information Technologies*, v. 26, n. 1, p. 983-999, 2021. DOI: 10.1007/s10639-020-10288-z.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** Porto: Porto Editora, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOFFMAN, Erving. **The Presentation of Self in Everyday Life.** Edinburgh: University of Edinburgh Social Sciences Research Centre, 1959.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated Learning: Legitimate peripheral participation.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

PAZ, D. P.; PONTAROLO, E.; VÁZQUEZ RECIO, R.; PELOSO, F. C. **Entre fatos e relatos: as dimensões da identidade profissional e da competência digital docente.** *Texto Livre*, v. 18, e53547, 2025. DOI: 10.1590/1983-3652.2025.53547.

- **CIRCULAÇÃO, AUTORIA E PRESENÇA EM REDE.**

MARWICK, A. E.; BOYD, danah. **I tweet honestly, I tweet passionately: Twitter users, context collapse, and the imagined audience. New Media & Society**, v. 13, n. 1, p. 114-133, 2011. DOI: 10.1177/1461444810365313.

PASKEVICIUS, M. **Educators as content creators in a diverse digital media landscape. Journal of Interactive Media in Education**, v. 2021, n. 1, art. 18, 2021. DOI: 10.5334/jime.675.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

TROWLER, P. **Academic Tribes and Territories: the theoretical trajectory.** Österreichische Zeitschrift für Geschichtswissenschaften, v. 25, n. 3, p. 17-26, 2014. DOI: 10.25365/oezg-2014-25-3-2.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society: Public values in a connective world.** Oxford: Oxford University Press, 2018.

VELETSIANOS, George. **Social Media in Academia: Networked Scholars.** New York: Routledge, 2016.

VELETSIANOS, G.; KIMMONS, R. **Networked participatory scholarship: emergent techno-cultural pressures toward open and digital scholarship in online networks. Computers & Education**, v. 58, n. 2, p. 766-774, 2012. DOI: 10.1016/j.compedu.2011.10.001.

WENGER, Etienne. **Communities of Practice: Learning, meaning, and identity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BALLANTYNE, N. **Epistemic Trespassing. Mind,** v. 128, n. 510, p. 367-395, 2019.

- **ÉTICA, CUIDADO, VULNERABILIDADE, REPARAÇÃO E SUSTENTABILIDADE.**

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital.** São Paulo: Boitempo, 2018.

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. **Lei de Direitos Autorais.** Brasília: Presidência da República, 1998.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).** Brasília: Presidência da República, 2018.

BUTLER, Judith. **Dar conta de si mesmo: Violência ética e responsabilidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FRICKER, Miranda. **Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing.** Oxford: Oxford University Press, 2007.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço.** Petrópolis: Vozes, 2015.

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

TRONTO, Joan C. **Moral Boundaries: A Political Argument for an Ethic of Care.** New York: Routledge, 1993.

ZEHR, Howard. **Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça.** São Paulo: Palas Athena, 2008.

> **Nota de leitura**
>
> As referências são mobilizadas como lentes complementares. Elas aprofundam identidade, reconhecimento, autoria e presença pública sem substituir o fio conceitual da unidade.